ANNO 1.º — Sabbado, 14 de novembro de 1908 — Numero 39

O DEMOCRATA

REDACTORES
Albano Coutinho,
Dr. Fernandes Costa, Dr. Samuel Maia
e Dr. André dos Reis

ORGÃO SEMANAL DO PARTIDO REPUBLICANO NO DISTRICTO DE AVEIRO

Propriedade da Empreza d'O DEMOCRATA

DIRECTOR E ADMINISTRADOR
ARNALDO RIBEIRO

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO
Rua Direita n.º 108

ASSIGNATURAS

Anno (Portugal e colonias)	1$200 réis
Semestre	600 »
Trimestre	300 »
Avulso	30 »

Composto e impresso na Typ. Minerva Central de José Bernardes da Cruz
RUA TENENTE REZENDE—AVEIRO

ANNUNCIOS

Por linha	30 réis
Repetições	20 »

ANNUNCIOS PERMANENTES, contracto especial.

15 DE NOVEMBRO

Completam-se ámanhã desenove annos que o Brasil, n'um impeto de acrisolado patriotismo, despedaçando um throno, sacudiu, para sempre, de si a monarchia, proclamando a Republica.

De então para cá, esse povo irmão, ao qual nos ligam os mais estreitos laços d'amizade, tem sabido, dentro das instituições democraticas, que o regem, elevar-se no conceito das nações cultas, podendo hoje ufanar-se de ser uma potencia respeitavel sob todos os pontos de vista.

Paiz prospero, rico, trabalhador, d'um solo uberrimo e sábiamente administrado, o Brasil, livre emfim das peias do monarchismo, avança extraordinariamente, a passos de gigante, para um futuro grandioso, emquanto nós, decrepitos, caducos, sentimos a cada instante a ameaça d'uma administração estrangeira que póde levar-nos, até, a nossa integridade!

O Brasil está prestes a exercer, se não exerce já, a mais alta hegemonia sobre todos os povos da America do Sul; nós que, outr'ora, imperámos em todas as partes do mundo chegámos ao seculo XX uma nação esfarrapada, sem prestigio, sem industrias, sem riqueza, sem instrucção, sem homens, sem estadistas, sem cidadãos! E, entretanto, aquella raça de Alem-mar é a nossa raça! E' o mesmo sangue, são as mesmas a lingua e a religião!

Em 19 de outubro de 1889, pelo fallecimento de D. Luiz subiu ao throno de Portugal Carlos 1.º que Buissa, com um tiro de carabina, havia de anniquilar em 1 de fevereiro ultimo.

Que produziu entre nós, de util, o reinado de Carlos 1.º?

Digam-n'o, apontem-n'o os monarchicos portugueses!

Esteril, puramente esteril! Esteril? Não, não! Produziu dissenções, odios, malquerenças, o rotativismo, os adeantamentos, a nossa ruina financeira e mil coisas mais, que teem sido, são e hão de ser a desgraça d'este grande e malfadado paiz!

Da Revolução brazileira e que a espada de Deodoro fizera triumphar quantos e quão opimos fructos advieram?

A ella deve o Brasil o levantamento do seu nivel intellectual, os seus progressos materiaes e economicos. A ella o grande papel que elle representa no convivio das nações.

Desoito annos, lá, serviram para engrandecer um povo. Durante esses mesmos desoito annos, cá, a monarchia conduziu-nos ás portas da bancarrôta! Differença de homens? Não; elles são os mesmos, descendem do mesmo tronco.

Evidentemente, a causa está na differença dos regimens governativos porque se regem os dois povos.

E aquella Revolução não custou uma vida sequer!

Grande ufania, imarcessivel gloria a do Exercito Brazileiro que póde hoje rever-se orgulhoso na obra ingente em que tão patrioticamente collaborou.

Saudando-o, pois, n'esta data fazemos votos para que a Republica Brazileira continue na sua carreira triumphal.

Salvè 15 de novembro de 1889!

A recepção no Porto

A um amigo que nos mostrou um postal de pessoa insuspeita do Porto que não communga nas ideias republicanas, pedimos licença para transcrever esta passagem d'esse postal: «O rei foi bem recebido, mas sem enthusiasmo da parte do povo. Este, levado pela sua immensa curiosidade, apenas enchia as ruas.»

Tal qual as manifestações na gare de Aveiro.

«O PAIZ»

Ha trez semanas, aproximadamente, que não recebemos este distincto collega de Lisboa, pelo que pedimos providencias á sua administração.

Dr. Antonio Duarte e Silva

Dr. Antonio Fernandes Duarte e Silva
Um dos oradores do comicio de Cacia

Prestamos-lhe hoje uma homenagem simples, mas significativa e sincera.

Publicámos já os retratos do dr. Alfredo de Magalhães e do dr. Americo de Castro dois oradores do comicio de Cacia, que tanto nos honráram com a sua visita.

Publicamos hoje o do dr. Antonio Silva, cujo discurso causou profunda sensação e que foi, realmente, não só uma bella peça oratoria, mas, sobretudo, um discurso de sã doutrina democratica, exposta com clareza, com enthusiasmo, com brilho.

Os grandes discursos, com primores de fórma que enlevam, mas sem pensamentos, sem ideias, estão hoje a causar enfado. Não beneficiam, aborrecem.

O discurso do dr. Antonio Silva, com o qual o intelligente advogado e sacerdote abriu, entre nós, a sua carreira de republicano combatente, foi por todas as razões proficuo e bom.

A clareza e o ardor com que o dr. Antonio Silva expoz as suas ideias e demonstrou a harmonia, que existe entre os principios republicanos e os principios religiosos, bem como a liberdade da egreja a dentro das republicas, provam bem a sua sinceridade e a sua dedicação á causa da patria e do povo.

Não podia começar melhor a sua carreira de advogado. Começou-a na tribuna popular, na tribuna do comicio, ao palpitar e fremir da multidão, communicando-lhe as suas aspirações de justiça e surprehendendo-lhe, tambem, as suas aspirações de justiça, as suas revindicações, os seus gritos de protesto, os seus clamores de revolta.

Foi a essa tribuna advogar, abnegadamente, desinteressadamente, a causa sagrada do povo opprimido, advogar a grande causa dos humildes, dos explorados, da Liberdade e da Patria.

Queimou a face dos tyrannos e dos hypocritas, estreitou de encontro ao peito o povo seu irmão. Bem haja!

Já o povo lhe agradeceu victoriando-o com o enthusiasmo febril de quem fundamente soffre, de quem muito sente e de quem muito reconhece.

Nós damos-lhe um abraço, de admiradores, de camaradas, de amigos.

Com veneração, com fé, com amizade.

Homens como o padre Antonio Silva, honram os que o acompanham e honram os que os escutam.

Os altos dotes da sua intelligencia, sobejamente os tem patenteado na sua carreira. Na carreira eclesiastica foi um estudante como poucos. Na Universidade conquistou das mais elevadas classificações, sendo um dos distinctos do seu curso.

Orador, é bem conhecido o brilho, a fluencia, o ardor da sua palavra. No pulpito está consagrado. Na tribuna popular é sem duvida mais vivo, mais fluente, mais arrebatador, talvez devido á liberdade em que se acha e em que respira a plenos pulmões um ar puro e vitalisador.

Esperamos vê-lo mais glorioso ainda, no fôro.

O dr. Antonio Silva abriu já, ha poucos dias, a sua banca de advogado n'esta cidade. Agouramos-lhe um futuro brilhante, pois possue todos os requesitos d'um grande advogado, honesto e trabalhador.

Não esqueceremos que o dr. Antonio Silva, que é um liberal convicto e sincero, sem a hypocrisia e os fingimentos de muitos que por ahi se estadeiam causando nôjo e asco, foi um dos estudantes intransigentes da gréve academica.

Aveiro honra-se com isso. Dois filhos d'esta terra, dignos conterraneos d'esse liberal e d'esse intransigente que o marmore e o bronze glorificam na Praça Municipal, negaram-se atravez de todos os sacrificios a baixar á lama em que uma geração se estatelou.

Um d'elles foi o dr. Antonio Silva—uma gloria.

Para elle, para Aveiro, para nós!

E com este elogio, talvez o maior que se lhe póde fazer, damos um abraço ao dr. Antonio Silva, desejando lhe muitas venturas.

COISAS E TAL

Será verdade?

Corre de bocca em bocca que o snr. Bispo-Conde respondera á commissão que o foi convidar para assistir ao *Te-Deum* no dia da vinda do rei, dizendo: que *agradecia a sua visita, mas que não precisava que lhe lembrassem o cumprimento dos seus deveres; e que se o iam prevenir de que o não apedrejariam, elle declarava que não tinha mêdo algum d'isso.*

Ora aqui está uma resposta que, a ser verdadeira, denota bem a indole do prelado diocesano.

Indelicado e ao mesmo tempo, um poço de soberba.

E' para que saibam...

O que ahi vae...

O *Campeão* a respeito da passagem de S. M. na estação, escreve:

> De ordinario pouco expansivo, o nosso povo, ao entrar na «gare» o comboio real, explodiu n'um grande arranco de febril enthusiasmo, soltando vivas ao rei e á monarchia, erguendo os chapeus, agitando os lenços e dando palmas n'uma alegria infinda, commovente até ás lagrimas, etc.

Oh! collega, se nos faz favor diz-nos o grau das lunetas que costuma usar em certos dias, como esse da passagem do rei?...

Devem ser de muito augmento, pois não são?...

Deu-lhe p'ra bôa

Quem não tem mais que fazer, faz colheres, diz o adagio popular. Mas, pelo que vêmos, nem todos se querem sujeitar a isso.

O Eduardo Rainha, por exemplo, em vez de *fazer colheres* tem andado por ahi, de porta em porta, a colher donativos para concertar os *orgãos*... da Misericordia.

Realmente, a coisa é de primeira necessidade... E o Rainha, tomando-a a peito, mostra ser um bom apreciador de musica... durante o santo sacrificio da missa...

O rei acclamado

Segundo os jornaes de larga informação, o snr. D. Manoel, no dia em que chegou ao Porto, foi alvo de tantas e tão prolongadas manifestações *que até se viu obrigado a mandar pedir á multidão, que ainda o ovacionava ás 11 horas da noite, o favor de dispersar, pois que desejava recolher-se para descançar das fadigas.*

Escusado será dizer que os arrematantes dos vivas ficaram todos contentes por terem sido dispensados mais cêdo do serviço, do que julgavam.

Até S. M. se compadece dos pobres diabos...

Pela nossa camara

«A camara não póde gastar 400 réis e como quer ella gastar 400:000 reis em foguetes e luminarias ?»

*

«A camara, empenhadissima, não tem dinheiro para pagar aos fornecedores e como póde gastar mais de 400:000 réis em festas ao rei ?»

*

«Nós estamos a pagar o milho a 940 réis. As populações atravessam uma crise grave. Na cidade ha muitos tuberculosos, doentes e pobres sem terem que comer e sem assistencia. As dividas camararias sobem a muitos contos de réis. Com que direito se vae gastar em festas o dinheiro d'um municipio n'estas condicções ?»

(Palavras do vereador republicano snr. Antonio Augusto da Silva, na sessão da camara de Aveiro, de quarta-feira ultima).

E' espantoso o que se tem passado nas ultimas sessões da nossa camara com as festas realengas.

A commissão dos lealistas que convidou a magestade para visitar a terra, não tem dinheiro para os foguetes, para as musicas, para as luminarias e para os banquetes em que os leaes servidores indigenas hão de pimponear a sua importancia e pretende que o municipio, sobrecarregado de encargos, esgotado de receitas, cheio de dividas, pague para as festas aquillo que não deve e que, sobretudo, não póde pagar.

A camara municipal de Aveiro, uma das que mais impostos exige do contribuinte, uma das mais pobres do paiz, que tem na garganta a divida dos asylos e que não tem dinheiro para satisfazer aos seus fornecedores, está disposta a gastar, inutilmente, n'uma recepção real extemporanea e mal cabida, todo o dinheiro que seja preciso á commissão dos festejos e que apeteça ao enthusiasmo lealista dos seus vereadores.

N'uma sessão da camara foi votada a verba de 400$000 réis para as festas.

O nosso estimado correligionario que occupa uma cadeira no municipio, o snr. Antonio Augusto da Silva, honrado industrial d'esta cidade, votou contra e protestou inergicamente, em nome dos interesses do concelho contra esse esbanjamento.

Disse que a camara não podia desviar do seu cofre a menor quantia porque está sem dinheiro. Nem 400 réis pódem gastar, porque os não ha para as necessidades urgentes do concelho.

Comtudo se queriam sacrificar, que distribuissem **em esmolas pelos muitos necessitados das freguezias da cidade o dinheiro que se devia gastar nas festas.**

A camara nem mencionou na acta a proposta do nosso amigo!

E votou 400$000 réis para as festas do rei.

Na ultima sessão, apresentou-se a commissão a pedir mais dinheiro á camara, havendo um membro d'essa commissão que quasi queria impôr o augmento da verba votada.

O snr. Antonio Augusto protestou contra as palavras do membro da commissão lealista, perguntando se a camara é que tinha convidado o rei e se o municipio tinha culpa dos promotores não se esportularem com o necessario para as festas que planeiam.

Pois a camara deu um voto de confiança ao seu presidente para gastar tudo aquillo que fosse preciso acima dos 400$000 réis!!!

O nosso amigo não poude deixar de se indignar com o procedimento dos seus collegas e mais uma vez assignou vencido.

Para o calar prometteram-lhe que a commissão dos festejos daria um bôdo aos pobres como elle desejára.

Mas o nosso amigo, cuja attitude desassombrada e energica tem sido inteiramente louvada, não póde collaborar n'esta obra perdularia de lealistas sem escrupulos.

A camara está nas peores condições em que póde estar um municipio.

As estradas do concelho estão uma mizeria.

Os fornecedores não recebem a importancia dos seus creditos.

O cofre não tem dinheiro.

Os rendimentos municipaes não chegam para as dividas.

Não ha dinheiro para os asylos, porque as homenagens ao sr. conde não surtiram effeito.

E a camara vai gastar em festas realengas um dinheirão louco que não tem e que não póde gastar.

Passagem da Rainha

Em *toilettes* de passeio, nas quaes predominavam as côres escuras, conforme os termos da carta-convite, a *élite* feminina cá do burgo deu-se *rendez-vous*, quinta-feira ultima, na *gare* (o que aqui vão do francesismos em homenagem á excelsa Rainha) da estação do caminho de ferro d'esta cidade pelas 2 horas da tarde, quando a snr.ª D. Amelia passou em direcção á invicta e sempre leal cidade da Virgem!

S. M. deve ter ido muito satisfeita e o caso não é para menos. A manifestação das senhoras e das tricanas aveirenses, incluindo os *ranchos*, que tambem se fizeram representar, ha de tel-a enchido de uma indisivel satisfação. Agora, sim; agora é que o snr. D. Manoel está seguro, como uma rocha, no throno de seus maiores.

Nós, desde já o declaramos, em face da attitude das senhoras de Aveiro, resolvemos não mais luctar pela implantação da Republica em Portugal.

Ter contra nós o bello sexo é coisa de arripiar!

CONFERENCIA

No proximo sabbado, 21 do corrente, a convite da «Associação dos Constructores Civis e Artes Correlativas de Aveiro», realisa o nosso amigo snr. Alberto Souto, uma conferencia na vasta sala de ensaio da Banda dos Bombeiros, sob o thema «*Quem são os proletarios. Sua vida e aspirações*».

Começará ás 8 horas da noite.

Fallar da corda em casa do enforcado

A reverenda *carcassa* da *Vitalidade* dizia no seu ultimo numero «*porque só hão de ser apostatas e vendidos os que se passam dos republicanos para os monarchicos e não vice-versa?*»

Em resposta ao reverendo e pudico collega, temos a retorquir-lhe que apostatas são tambem os transfugas da monarchia, desde que, tendo professado e defendido publicamente esses principios, os abjuram, jurando bandeiras, ou filiando-se em qualquer agremiação de caracter politico ou religioso.

Quando o nosso espirito se capacitou de que qualquer instituição não faz a felicidade de um povo, mas pelo contrario concorre para a sua total ruina, fazer publicamente a rejeição dos seus principios ou apostasia, abandona-los, por completo, é uma virtude e uma prova de grande inteiresa de caracter e independencia de animo. Patrocinar uma tal instituição com a nossa indifferença ou apoio manifesto é acto de vergonhosa covardia e consciencia corrompida.

Na hypothese, porém, da reverenda *carcassa*, a abjuração ou apostasia é uma virtude, um acto de abnegação e de comprovada solidariedade no bem dos nossos semelhantes, visto que a revolta da nossa consciencia se opera n'um sentido progressivo da monarchia para a Republica.

Uma instituição que nos acorrenta aos acasos do ventre e tem a denegri-la, na historia, uma administração vergonhosa, expoliadora; que tem no seu livro de contas uma divida de 800:000 contos, fóra o mais, e não tem exercito nem marinha, nem escolas, nem viação, nem industria, poderá ter bons e leais servidores, de bom estomago e não menor escrupulo como a reverenda *carcassa*, mas não logra uma dedicação decidida que no perigo arrisque por ella a vida e a ampare a troco de qualquer sacrificio.

Quanto ao segundo ponto —a insinuação de que os que passam da monarchia para os republicanos sejam vendidos, —achamos terreno por demais escorregadio para o collega. A transição dos que nos acompanham é sacramento de livre vontade. Não ha postas nem gamelão com que se acene a ninguem. O que n'este gremio os espera são couces e perseguições dos monarchicos, a sua moeda corrente. Vendidos são os que desertam das fileiras republicanas para os monarchicos, porque ha muito estomago que se não compadece com a dieta do partido republicano. A monarchia dá, compra e promette. E' a vida intima dos seus partidos e por demais o collega a conhece por experiencia propria.

Appellamos para a candura das suas convicções politicas, aquella corôa de larangeira que vimos murchar para sempre na orgia do celebre jantar, puresa e honra que resistiram por tanto tempo ás tentações de um *cevado* com tripas e respectivo miolo, e, vae senão quando, apanha o seu precalso, como qualquer sopeira que anda de *noute, á tonte, por viellas escuras...*

Isso é que foi uma venda com juros e capital á vista.

A reverenda *carcassa* já tem a cegueira das mulheres perdidas que poeiram defeitos na reputação dos visinhos e não olham para si. Expurgue, pois, a *carcassa* o termo *vendido* das suas columnas, pois é sempre prenuncio de cousa má *fallar em corda em casa do enforcado...*

A BRIOSA

Tem sido muito apreciada pelos monarchicos a manifestação da nossa academia, a suas magestades.

Teem razão, que diabo. O rei é moço, a academia é a mocidade e o futuro da patria está na mocidade.

Hoje, a academia de Aveiro tem pezo na estabilidade do paiz. Quando em outros annos, 5 ou 6 rapazes, estudantes, íam á estação cumprimentar o dr. Affonso Costa, o dr. Bernardino Machado, ou o dr. Alexandre Braga, os *leais* diziam—a manifestação foi feita por uns estudanteitos do lyceu.

Mas não disputamos; a briosa é monarchica, muito monarchica.

Parabens, snr. Reitor.

AOS REPUBLICANOS D'AVEIRO

Correligionarios:

As eleições passadas vieram demonstrar á evidencia o quanto é deploravel para o triumpho do nosso Ideal a apathia desoladora de que tem dado mostras o partido republicano do concelho de Aveiro. De facto, n'um concelho, como o nosso, de tradicções liberaes, em que o analphabetismo, comquanto enorme, não attinge as proporções d'outros, mal se concebe que em 2175 votantes o partido republicano simplesmente partilhasse de 197 votos. E' uma percentagem deprimente, para não dizer vergonhosa, especialmente n'esta epoca em que a ideia republicana vae avassallando tantos espiritos por esse paiz fóra.

Urge que todos vós saiaes do vosso tradicional quietismo que tanto parece seduzir-vos e vos dediqueis com afan e abnegação á reorganisação partidaria do concelho. Torna-se imprescindivel tratar dos recenseamentos, dar incremento á propaganda democratica pela fundação d'escolas, bibliothecas populares, centros, etc., onde se façam palestras e conferencias, pela realisação de comicios amiudados a exemplo dos nossos heroicos correligionarios do sul do paiz. E' inadiavel a organisação das commissões parochiaes republicanas nas freguezias do concelho que faltam, como Aradas, Eirol, Requeixo, Nariz e Oliveirinha, mas commissões que trabalhem e não crystallisem na mais descorçoadora inacção.

Se a ideia republicana tem alastrado pelo paiz é porque alem dos erros e crimes da monarchia, grupos de esforçados batalhadores a propagam com uma fé e desinteresse admiraveis. Sem elles, sem essas benemeritas commissões parochiaes que, tanto em Lisboa como fóra d'ella, tão brilhante papel tem representado, o partido republicano não seria hoje o collosso que tantos engulhos e calafrios causa aos homens desacreditados do regimen. São esses obreiros obscuros da Democracia que conseguiram insuflar uma vida nova ao partido, fortemente abalado pela aventura de 31 de janeiro, e dar-lhe na capital uma organisação eleitoral verdadeiramente modelar.

Graças ao seu civismo, o partido democratico é hoje a mais segura garantia do nosso resgate politico e economico e aquella em que a solidariedade já não é um vocabulo puramente declamatorio, como o demonstram quotidianamente, alem dos comicios e outras manifestações civicas collossaes de que Lisboa tem sido theatro, os repetidos actos de assistencia e benemerencia publicas que, sob o generoso influxo da ideia, tanto tem contribuido para a confraternisação entre correligionarios. A familia republicana é, pois, hoje um facto, em que peze aos nossos desmoralisados e rancorosos inimigos.

N'essas condições não seria, pois, um crime sem remissão que o partido republicano do concelho d'Aveiro protelasse a sua indesculpavel inacção quando por toda a parte do paiz, mórmente no sul, os nossos correligionarios cerram fileiras para o embate final? Pois bem. Inicie o partido republicano d'Aveiro uma nova orientação, chamando a si todas as consciencias honestas e sinceramente patriotas que, porventura, ainda não tenham sobre politica uma opinião firme e definida.

Proceda, quanto antes, ao cadastro da população republicana do concelho, em conformidade com as prescripções da lei organica do partido. Promova, sem desfallecimentos, a vulgarisação dos principios democraticos em folhetos e outras publicações accessiveis a todos pela area do concelho. Utilise, emfim, todos os ensejos que se lhe offereçam para uma propaganda intensiva, methodica e proficua, que os resultados não se farão esperar. E, sobretudo, que os meus correligionarios se compenetrem de que em cada republicano deve existir sempre um propagandista intransigente sim, mas nunca intolerante.

Que os meus irmãos em crenças me oiçam, já que este regimen de bambochata e orgia que nos degrada está prestes a finalisar. Sim, não tenhaes duvida. Quando lá fóra os judeus da finança só nos emprestam a 7 % e mediante forte caução, quando já nada temos que empenhar depois do sacrificio inglorio das 72:000 obrigações da Companhia Real, quando o *deficit* cada vez avoluma mais e o nosso credito já é negativo, quando, finalmente, a imprensa estrangeira, n'um dobre de finados lugubre e agoirento, já iniciou contra Portugal uma campanha de diffamação, pedindo para nós a tutella ignominiosa dos credores, o que nos resta? De duas, uma: ou a Republica e com ella a libertação, ou a administração estrangeira e o anniquilamento d'um povo para sempre.

Pois se a primeira ainda vier a tempo, que encontre o paiz preparado, tanto quanto possivel, para a receber. Que a transicção para o novo regimen se faça sem a mais pequena difficuldade de adaptação. Para isso torna-se mister que todos os republicanos, dentro do humanamente possivel, cumpram já e sem detença, o seu dever. E não serão por certo os republicanos do concelho d'Aveiro—creio-o bem—que darão a nota discordante n'esta febre santa de evangelisação democratica que vae do norte ao sul do paiz.

Aido de Cima.

TRISTE PAPEL

Na manifestação de domingo ultimo, á passagem de D. Manuel, o rei da *radiosa* mocidade, votou figura pelo esmerado desempenho com quem executou o ridiculo papel que lhe distribuiram, um discipulo de Hypocrates, da escola do Porto e vereador eleito do sempre nobre e leal municipio d'esta cidade.

E foi o caso que s. ex.ª, que se sente leve do estomago, de rabona e decalitro no meio da linha, dava ordens e dispunha os gaiteiros e animava os coloiros, ia e vinha, saltava e acenava, em voltas curtas de pardal sem rabo, n'um rodopio de mandão de sachristia em festa de orago d'aldeia! Tudo espantado com o desmancho e ridiculo de semelhante espectaculo!

Pedimos aos promotores d'estas *radiosas* manifestações que de futuro tenham mais consideração e até caridade, na distribuição d'estes papeis. E' preciso olhar á cathegoria das pessoas e não abusar da sua situação.

Facto historico

Anda a ser caiada a fronteira do predio que possue na rua Direita o nosso presado amigo sr. dr. Joaquim de Mello Freitas. Não ouvimos, porém, que os sinos da camara tivessem repicado.

Pois olhem que não era para menos...

Eduardo Craveiro

Este nosso amigo e dedicado correligionario, proprietario da Relojoaria e Ourivesaria Ilhavense, mais uma vez demonstrou o seu amor á causa da instrucção e do povo, offerecendo valiosos premios pecuniarios ás creanças das escolas de Ilhavo por occasião das ultimas festas escolares.

Acção nobilitante que encarecemos, abraçando o activo industrial e nosso amigo, a quem promettemos mais largas referencias em momento opportuno, como é de justiça.

Meu vêr

Na despotica Republica

Ha muito quem falle da França, mas poucos ha que conheçam a França ou que saibam alguma coisa da sua vida. Eu não tenho a pretenção tôla de conhecer a França, como não tenho a pretenção de conhecer coisa nenhuma, mas não posso suportar o que por aí se diz da França quem d'ella não sabe mais que o pouco que l[illegible]m um ou outro jornal da te[illegible]

Para combater a Republica, todos os leais monarchicos teem este argumento—a França! e acrescentam que em Portugal ha mais liberdade que na França republicana.

Pois bem, eu vos offereço esta columna, leais defensores da liberdade!

*

De entre os jornaes francezes que tenho a ventura de lêr, eu tiro *L'Action* de 24 de outubro. O jornal, como todos os outros da data, occupa-se da discussão e votação na camara sobre a Confederação Geral do Trabalho.

«La C. G. T. ne sera pas dissoute!» clama-se por toda a parte. A camara por 327 votos contra 60 approvou as declarações de M. Viviani, o ministro do Trabalho.

Mas vejamos o que disse o snr. Viviani.

O snr. Viviani tem sido, com Clémenceau, alvo d'uma formidavel companha por parte dos socialistas avançados e especialmente por parte da C. G. T. onde a tendencia anarchista é manifesta.

Os grandes embaraços para este governo não têm vindo de outra parte—têm vindo da C. G. T. Os incidentes de Courrieres, os tumultos do 1.º de maio, as recentes gréves e toda a acção revolucionaria contra a qual o snr. Clémenceau tem desenvolvido as suas vastas faculdades de pensador e de estadista, toda essa temerosa opposição, violenta e quasi armada, tem vindo da Confederação Geral do Trabalho.

Porque a Confederação Geral do Trabalho, já não se limita a manifestações platonicas; organisa demonstrações de força e organisa gréves.

Já não ataca o governo, ataca o estado e [illegible]a a propriedade.

Já não é uma sociedade socialista; é uma sociedade libertaria, respeitavel na força decisiva e implacavel na acção. E' emfim, a revolução social mettida na Bolsa do Trabalho. Simplesmente temivel.

No seu seio, julgar-se-ha, não existem se não operarios, dos que não teem que perder, dos que nada teem do estado.

Engano. No seu seio ha mais de tres mil professores officiaes e primarios!

Teem sido perseguidos alguns dos membros directores, pois essas perseguições teem custado caro, muito caro, ao snr. Clémenceau.

Parece que em face da acção perturbadora da C. G. T. não ha entre nós ninguem que não pense no remedio—dissolve-la.

A C. G. T., dizem os jornaes burguezes, é um perigo para a ordem social. Dissolva-se!

Ao Palais-Bourbon chegou o estadista portuguez, o leal servidor, liberal por tradicção e temperamento, com a mascara de deputado nacionalista, fallando o francez, e propoz o remedio.

Dissolva-se a C. G. T. exige-o a lei, a paz, a ordem.

«E' preciso dissolver a C. G. T.» grita o nacionalista Pugliesi-Conti, que lhe attribue todos os flagelos da França. E o snr. Viviani responde: a Confederação Geral do Trabalho não será dissolvida. E continua. Diz que os confederados seguem mau caminho, pois pretendem destruir o estado, em vez de o conquistar. Contudo 200:000 syndicados repudiam essas doutrinas, que só 120:000 acceitam.

De 322:000 syndicados da C. G. T. só 99:417 se manifestaram em Marselha a favor da moção anti-patriotica.

E o snr. Viviani regista isto com jubilo, reparem os leais portuguezes!

O governo poderia dissolver a C. G. T., mas seria um erro.

A C. G. T. tem existencia legal e ha muito a esperar em bem do proletariado, da acção reformista da sua maioria e do seu futuro. E termina pedindo a todos os socialistas e a todos os republicanos que procurem impedir qualquer divorcio entre o proletariado e a democracia.

O *leader* socialista Jean Jaurés, falla por fim. Queixando-se do snr. Clémenceau e do governo, elle aprova as palavras de Viviani e constata que nenhum republicano pediu a dissolução da Confederação Geral do Trabalho.

E o baluarte do syndicalismo, onde 120:000 syndicados professam e advogam doutrinas libertarias e anti-patrioticas, fazendo opposição systematica ao governo e perturbando a acção do Estado e a paz da sociedade, não foi dissolvido.

A C. G. T. não será dissolvida, disse-o e defendeu-o bem alto, por nm principio de liberdade, o sr. Viviani, ministro do Trabalho do gabinete Clémenceau.

*

Em Portugal, são viziveis exemplos superiores. Portugal é a liberdade—Thomaz Cabreira.

A França, essa é o despotismo — Confederação Geral do Trabalho!

ALBERTO SOUTO.

Nomeação

Foi nomeado o sr. José Antonio Cidraes, segundo official do quadro telegrapho-postal, para o logar de chefe dos serviços telegrapho-postaes d'este districto, em substituição do sr. Eduardo Serrão, que foi recentemente aposentado.

Fatal brincadeira

Foi na terça-feira, no sitio dos Corticeiros, soburbios de Valle d'Ilhavo, perpetrado um crime de assassinato, de que foi victima um rapaz de alcunha o *Vigio*, sendo auctor outro rapaz chamado Serva.

Parece que o conflicto foi originado em copiosas libações, entre um grupo de rapazes que deviam n'esse dia ir alistar-se no exercito, grupo de que aquelles dois faziam parte.

Coisas feias d'um novel

O novel dr. Soares na força do enthusiasmo, ao assomar da magestade (El-Rei) para os innocentes academicos:—«força rapazes, deem vivas que elle dá-vos um feriado!»

Isto custa a acreditar, mas é veridico. Na bocca de quem ainda ha pouco era professor do lyceu, é simplesmente indecoroso, confessem.

Mas dr., um conselho: deixe-se de taes patetices. Essas coisas ficam-lhe mal e compromettem. Compromettem o dr., os rapazes, a manifestação e o *radioso* D. Manoel.

De mais, lembre-se que está eleito vereador.

Um vereador precisa de linha e o dr. está a perde-la.

O Moreirita é mais discreto e o Moreirita, que não é furta-côres, não é vereador.

Cuidado, novel, cuidado.

A' lettra...

Como promettemos no numero passado, vamos hoje desenvolver alguns pontos que, sob esta epigraphe, então abordámos, e que servirão, d'isso estamos certos, para edificação e exemplo d'aquelles que fazem da subserviencia e do capachismo o reducto *inatacavel* da sua moralidade doentia...

Dissemos então que o conspicuo auctor dos *problemas*, que vêem sendo publicados na *Vitalidade*, orgão do *jezuitismo* indigena, não tinha qualidade nem auctoridade para vir a publico mostrar os dentes n'um rictus d'odio mal contido, pois que *quem tem telhados de vidro mal avisado andará se atirar pedras ao do visinho.*

E dissémos bem; porque effectivamente, os homens da *Vitalidade,—*os *vitalinhos—*, teem demonstrado inaptidão tão comtumaz em materia politica, tão grande desorientação de espirito a dentro da propria redacção da papelêta que já ha muito liquidaram, crystallisados agora em franquistas a lamber as botas aos seus mais encarniçados inimigos.

A liquidação politica deu-se, não ha muito tempo, quando da fuga do chefe, de nefasta memoria, para se subtrair á responsabilidade dos seus desmandos governativos...

Apezar de tudo, porém, e não obstante a convicção de que o *franquismo* foi chão que deu uvas... *ferraes*, berram que elle ainda ha de vir, (em manhã de nevoeiro, como D. Sebastião), que o seu partido representa a salvação da Patria... e das batatas, que sim, senhores, coisas e tal, etc., porque os outros partidos monarchicos não teem prestigio nem força para dirigir o leme d'esta barcaça, e porque os republicanos são uma *corja de atheus,* inimigos da religião e dos padres e o padre Antonio um apostata, que foi ao comicio republicano de Cacia demonstrar a compatibilidade da religião com todas as formas politicas de governo, quando só os monarchicos são religiosos, e só das suas hostes sáem os papas, martyres, virgens e confessores!... E tanto berram, tanto barafustam, bem como quando o naufrago gasta as ultimas energias para fugir ao abysmo que o attrae, tanto ferem a nota de que os democratas são inimigos do Catholicismo que até parece que o partido republicano não é um partido politico, mas, antes uma seita religiosa!...

Ineptos e contumazes na asneira!...

A fallencia moral dos *vitalinhos* denunciou-a o padre Vieira em 1902. Tão mal avindos andavam os redactores do papel, ou melhor, tanto mêdo tinha o padre Vieira de que as *pedras* lhe cahissem na cabeça que mandou a camaradagem á tabúa, escrevendo entre outras cousas em carta, o que segue:

«Hoje li com mais attenção o aranzel do Accacio, que só por alto tinha lido, saltando aqui e acolá, porque não posso lêr coisas d'essas a seguir e com attenção, só quando causa especial a isso me obriga. Vejo motivos para reprimenda severa por motivo da ousadia, do atrevimento com que o articulista se lhe dirige—(o articulista era o Accacio, redactor ou proprietario da *Vitalidade*, de que o padre Vieira era tambem redactor)—; e tanto mais quanto eu, por mim, não era capaz de lhe retorquir em taes termos. Havia a medir a distancia.........

De modo que vejo motivo para reprimenda severa, no que elle necessariamente succumbe e já a esta hora estará talvez succumbido.........

..........................»

E sabem os leitores, porventura, a quem era dirigida esta carta?!...

Pasmae, oh! gentes do Catholicismo! Esta carta, cheia de encomios banaes e ridiculos, era dirigida por um padre ao homem que, n'esse tempo, vinha dando esfregadella rija nos padres e na religião!!!...

Mas, ha mais que fica reservado e em deposito, para outro dia o dizermos mais a proposito, porque Roma e Pavia não se fizeram n'um dia, um homem não é de pau e isto é golada que não vae d'um trago.

NÃO BEIJOU

Houve na cidade grande celeuma por se dizer que o Leal, presidente da briosa, não tinha beijado a mão ao *radioso*.

Amigos da verdade, inquirimos do bom *vivant* que é o illustre presidente. A entrevista foi curta. Com a sua amabilidade proverbial, n'um banco da «Veneziana», o Leal respondeu-nos: «não beijei. Puchei-lhe umas poucas de vezes pela mão, não deixou. Eu puxava para cima elle puxava para baixo. Sempre para baixo e não deixou».

O S. Martinho

As festas bachicas correram este anno, por aqui, desordenadas, havendo esturdias e bebedeiras furiosas por algumas ruas da cidade.

Na de Jesus e circumvisinhas, onde existem duas tascas, a *devoção* estrondeou em algazarra e pancadaria, que fez accordar a policia do seu somno proverbial.

Esta procurou chamar os *mordomos* á ordem; elles, porém, recalcitraram, em alta grita. A policia, vendo improfiquos os seus esforços suasorios, cahiu em cima d'elles, á sabrada, que foi um regallo, conseguindo então estabelecer socego n'essas ruas.

LIGA NACIONAL DE INSTRUCÇÃO

A convite do nucleo local da Liga Nacional de Instrucção ha pouco instalado, por um delegado da capital, e que é composto pelos nossos amigos snrs. José Casimiro da Silva, José Prat e João Coelho, reuniram-se na ultima segunda-feira na sala da Associação Commercial, varios cavalheiros d'esta cidade.

O snr. José Casimiro, expoz os fins da reunião, as intenções e fins da Liga Nacional de Instrucção, pedindo a collaboração de todos os presentes n'essa santa cruzada de Luz e de Bem.

Em seguida o snr. João Coelho leu os estatutos, inteirando-se perfeitamente os assistentes d'essa obra benemerita.

A Liga Nacional de Instrucção é composta por todos os individuos de ambos os sexos, sem a menor distinção de côres religiosas ou politicas, que desejem auxiliar o desenvolvimento da instrucção e da educação do nosso povo, velando pelo ensino, abrindo bibliothecas e cursos nocturnos, distribuindo livros e donativos ás creanças pobres, fundando cantinas escolares, etc. etc.

Todos os assistentes acolheram com o melhor agrado tão louvavel iniciativa, promettendo trabalhar para a organisação da Liga entre nós, angarindo donativos e promovendo a inscripção de socios, na esperança de que a cidade de Aveiro, que se ufana de tão nobres tradicções, não deixará de lhes prestar o merecido e necessario auxilio.

Assentou-se uma nova reunião, publica, para a qual se não farão convites especiaes, e que se realisa hoje, pelas 9 horas da noute, na sala nobre do «Club Mario Duarte».

O Nucleo espera a comparencia não só do professorado da cidade, mas tambem de todos os aveirenses que se interessam por a causa da Instrucção e do progresso do povo portuguez.

CONVITE

O Nucleo da Liga Nacional de Instrucção em Aveiro, convida por este meio, todas as pessoas que se queiram inscrever como socios de tão prestante aggremiação e auxiliar, assim, o desenvolvimento da Instrucção e toda a civilisadora e humanitaria acção da Liga, a assistir á reunião que no proximo sabbado, pelas 9 horas da noute, se realisa no salão do «Club Mario Duarte», para se proceder a trabalhos n'este sentido.

Aveiro, 11 de Novembro de 1908.

O PRESIDENTE DE NUCLEO LOCAL,
José Casimiro da Silva.

O poeta «Camarão»

O nosso presado collega *O Norte,* dando conta d'uma ruidosa manifestação de que foram alvo na Praça de D. Pedro os nossos prestigiosos correligionarios srs. drs. Duarte Leite e Brito Camacho, que, de regresso do estrangeiro, se encontravam no Porto na passada quarta-feira, escreve o seguinte:

O imbecil poeta *Camarão*, vulgo Côrte Real, vendo-se ao lado d'alguns legionarios da *azul* a que tambem pertence, vomitou algumas sandices, d'esta vez em prosa, o que não quer dizer que fossem mais limpas do que os versos que tem perpetrado, e isso valeu-lhe a imminencia d'uma corrigenda physica, evitada por alguns correligionarios nossos, que lastimaram a situação do poeta *camaroide*, pois que tendo ouvido tudo, tudo! quanto se póde dizer a um desqualificado, o bruto a nada se moveu!

Depois d'isto o *camaroide* foi alvo da mais pungente troça de que temos memoria, lá se retirando a chupar no *paivante* não tendo ao menos, sequer, um gesto de vindicta.

Triste bipede!

Este caso tem sido bastante commentado em Aveiro onde o tal Côrte Real tambem por muito conhecido se não confronta. E' o mesmo a quem na loja do Ricardo enfiaram um cabaz de sardinha pela cabeça abaixo depois de lhe terem mostrado em antigos *Almanachs de Lembranças* a versalhada que nem sequer soube copiar para o livro que mandou imprimir e do qual se diz auctor.

Pobre *pateta* e, sobretudo, infeliz *legionario!*

NOTAS DA CARTEIRA

Regressaram de Lisboa os nossos amigos srs. major Adolpho Butler e Antonio Maria Ferreira.

—Estiveram n'esta cidade os srs. Vidal Oudinot, professor primario de Sarrazolla; dr. Marques da Costa, medico municipal de Cacia e João Affonso Fernandes, proprietario, da Quinta do Loureiro.

—Passou na ultima terça-feira o anniversario natalicio da sr.ª D. Felicidade Monteiro Melicio.

Os nossos cumprimentos.

—Chegou á sua casa d'esta cidade, depois de ter passado uma temporada no campo, o respeitavel ancião sr. Francisco Manuel Couceiro da Costa.

—De passagem, vimos aqui o sr. Amandio Ribeiro da Rocha, honrado lavrador do Bomsuccesso.

O lealismo d'um novel

Já depois de termos no jornal várias coisas sobre o impagavel e imprescindivel novel medico Soares, chega-nos a noticia do seu enthusiasmo á passagem da Rainha.

Lá estava radiante e impavido, heroicamente impavido, á frente da academia, dando vivas.

Ainda não sabemos se prometteu feriados d'esta vez, mas havemos de averiguar.

E mais ha-de vêr quem não morrer.

Assembleia de apuramento

Por terem faltado alguns portadores das actas, não se effectuou no domingo o apuramento geral da eleição camararia.

O presidente enviou o processo á auditoria administrativa, para se occupar d'esse serviço, como é da lei.